

Violência subliminar. Reflexões de uma sociedade do isolamento, da frieza e da indiferença: uma breve discussão

Subliminal violence. Reflections on a society of isolation, coldness and indifference: a brief discussion

Violencia subliminal. Reflexiones sobre una sociedad de aislamiento, frialdad e indiferencia: un breve debate

DOI: 10.55905/rmuscv3n1-014

Recebido: 17/03/2025

Aceito: 17/04/2025

Bruno Freitas Santos¹, Silvany Lopes de Souza Santos², Hevelin Inavlis de Souza Freitas³

RESUMO

A reflexão sobre o significado de sociedade dentro da indiferença, isolamento, frieza. O sistema capitalista, a globalização impacta no avanço da frieza e na indiferença de uma sociedade se torna alienada por tudo que a envolve, os seus moradores. Alienação social é um problema extremo em que precisa ser traçada ações e diretrizes para desconstruir esse tipo de sociedade e recomeçar um processo de recivilização.

Palavras-chave: consumo, alienação, capitalismo, marketing e sociedade.

ABSTRACT

Reflection on the meaning of society in terms of indifference, isolation, coldness. The capitalist system and globalization have an impact on the advance of coldness and indifference in a society that becomes alienated from everything that surrounds it and its inhabitants. Social alienation is an extreme problem in which actions and guidelines need to be drawn up to deconstruct this type of society and restart a process of recivilization.

Keywords: consumption, alienation, capitalism, marketing and society.

RESUMEN

Reflexión sobre el sentido de la sociedad dentro de la indiferencia, el aislamiento, frialdad. El sistema capitalista y la globalización inciden en el avance de la frialdad y la indiferencia en una sociedad que se aliena de todo lo que la rodea y de sus habitantes. La alienación social es un problema extremo en el que es necesario trazar acciones y directrices para desconstruir este tipo de sociedad y reiniciar un proceso de recivilización.

¹ Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde, Secretaria Municipal de Educação de Pilão, Arcado, Bahia, Brasil. E-mail: brunofreitas2017@outlook.com.br

² Graduada em Pedagogia e História pelo Centro de Formação ETEC – MG, Secretaria Municipal de Educação de Pilão, Arcado, Bahia, Brasil. E-mail: silvany@gmail.com

³ Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Petrolina, Pernambuco, Brasil.

Palabras clave: consumo, alienación, capitalismo, marketing y sociedad.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade e a cultura de consumo, da frieza, da indiferença é uma triste realidade, onde envolve a distorção de determinados valores, desejos, hábitos, gostos e necessidades numa escala extremamente intensificada.

No contexto pós-moderno, a vida cotidiana é cada vez mais difícil o triunfo dos signos retrata a subordinação de determinados padrões de desigualdades, que foram violentamente impostos dentro desse sistema corrompido e alienador. Um sistema de consumidores, que molda as relações dos indivíduos que se configura em conflitos sociais, culturais e econômicos.

O processo capitalista de incentivo à produção, comércio e consumo intensos, e os muitos exageros que são cometidos o tempo todo. Um sistema de criação de valores e moda que as torna alienadas, e que são transmitidas de geração após geração de forma errônea e construindo mentes, atitudes e comportamentos estranhos.

Os tipos de alienação existente dentro de uma sociedade é um grave problema a ser intervindo. As grandes formas de alienação nas sociedades capitalistas é uma grande ameaça e um risco eminente para todos os envolvidos dentro desse processo. O ser humano é sempre um objeto um de trabalho que é , explorado e manipulado pelas grandes corporações empresariais, que violentamente são usadas o tempo todo. O processo de alienação desde o mais intelectual, até o menos intelectual é sempre grave e deixa feridas abertas no físico e no emocional.

Dificuldades e problemas vistos, que estão presentes o tempo todo na sociedade atual e que intensifica o consumismo, da selvageria que nesse processo alienatório, afeta o social, o econômico e o intelectual. Com marcas profundas, e que na maioria das vezes é como um processo irreversível e destrutivo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em tempos os quais a represa dos rios de notícias estão com as comportas abertas é necessário ficarmos atentos para os conteúdos, que jorram sem cessar. Sendo importante filtrar e absorver o que tem de melhor em todas elas.

Então, a publicidade – âncora da sociedade do consumo – baseia-se em falsas ideias que vendem objetos mutáveis e consumíveis massivamente como se fossem únicos. E na maioria das vezes, como se fossem a fórmula mágica para a realização de um sonho. (PADILHA, 2006, p. 101).

Mesmo de modo pejorativo, uma sociedade fria e indiferente se espalhou como uma erva daninha por todo os cenários da vida em sociedade.

Quem imagina que, enquanto produto desta sociedade, está livre da gelidez burguesa, nutre ilusões sobre o mundo bem como sobre si mesmo; sem essa gelidez, ninguém mais poderia viver. A identificação com o sofrimento alheio é escassa em todas as pessoas, sem exceção. Mas aquele que conhece os fatos a distância tem que reconhecer os limites objetivamente impostos de uma identificação que choca com suas exigências de autoconservação e felicidade e não se comportar como se já fosse uma pessoa do tipo que talvez somente se realize num estado de liberdade, isto é, num estado isento de angústia. (Adorno (1969/1995a, pp. 202-229)

Como uma “faca de dois gumes” esse modelo de sociedade é uma triste realidade, que precisa ser desconstruída através de uma reeducação, que precisa ser uma sementinha desde a educação infantil, precisa ser minuciosamente trabalhada.

O afastamento social do qual estamos enfrentando atualmente é um dos graves problemas, que temos e que tem impactado negativamente para essa frieza e distanciamento social.

Na abstração dos direitos, somos todos iguais. Na particularidade viva da sociedade burguesa, somos pobres, pretos, favelados, facilmente identificados para receber práticas discriminatórias em nome da ordem a ser mantida. Ordem e tranquilidade. Na ordem garantida, os negócios e acordos são garantidos sem sobressaltos, a acumulação de capitais encontra os meios de se reproduzir com taxas adequadas, o Estado é saneado financeiramente, destruindo as políticas públicas e garantindo a transferência do fundo público para a prioridade privatista. A ordem garante que a exploração que fundamenta nossa sociabilidade se dê com tranquilidade. (IASI, 2013, p. 03).

Atualmente é difícil conceituar nomenclaturas desse tipo de sociedade, que temos hoje. Mesmo assim, vários estudiosos dão os mais diferentes nomes. Enfim, o temos hoje é uma multidão aglomerada de estranhos, todos imersos em seus próprios mundos, interesses, desejos, compromissos e vontades alheia ao outro. Santos (2007, p. 49) afirma de forma categórica “[...] vivemos cercados, por todos os lados, por esse sistema ideológico tecido ao redor do consumo e da informação ideologizados”.

A vida em sociedade acontece na velocidade da luz e muitas relações têm se perdendo ao redor de cada um. Vivemos em uma Matrix coberta por cidades cada vez mais verticais, que se tornaram símbolos de isolamento disfarçado de conectividade, onde as redes sociais prometem, que vão aproximar, mas que na verdade são pontes de isolamento social, e que afastam as pessoas e destrói os relacionamentos.

“Os próprios dominadores não acreditam em nenhuma necessidade objetiva, mesmo que às vezes dêem esse nome a suas maquinações. Agora que uma parte mínima do tempo de trabalho à disposição dos donos da sociedade é suficiente para assegurar a subsistência daqueles que ainda se fazem necessários para o manejo das máquinas, o resto supérfluo, a massa imensa da população, é adestrado como uma guarda suplementar do sistema, a serviço de seus planos grandiosos para o presente e o futuro. Eles são sustentados como um exército de desempregados. Rebaixados ao nível de simples objetos do sistema administrativo, que preforma todos os setores da vida moderna, inclusive a linguagem e a percepção, sua degradação reflete para eles a necessidade contra a qual se crêem impotentes”. (HORKHEIMER & ADORNO, 1947/1985, PP. 48-49).

Enquanto tudo isso, ocorre estamos asfixiados dentro de uma sociedade complexa em que os seus olhares estão fixados em telas brilhantes, sob o domínio escravizador de cegueira e de distração. Que afeta diretamente a nossa saúde emocional, que separa as pessoas umas das outras, fazendo com que muitos perdem a capacidade de nos relacionarmos uns com os outros ou seja, uma sociedade, que caminha para o caos social.

Um dos grandes problemas do distanciamento social é a indiferença e o egoísmo que nos afeta diretamente. Uma realidade que nas maiorias das vezes é brutal, é selvagem e desumana e acontece de forma inconsciente onde a maioria sem perceberem cometem estragos a sua volta. A “Sociedade de Consumo” refere-se a uma sociedade atual, que vive a “intensificação do moderno” (RODRIGUES, 1998, p. 08), onde o mercado tem produtos e padrões de consumo cada vez mais normatizados, e que se renovam a uma velocidade extrema de consumir, comprar e se saciar.

É fácil, se sentir isolado em meio à multidão. Talvez, esse seja, um sentimento que está sufocado em muitos corações e mentes sendo na maioria das vezes um pedido, um grito de socorro. A falta de interação cara a cara contribui para a sensação de anonimato e desconexão. E isso, ganhou impacto e intensidade no mundo pós pandêmico. Sem laços comunitários fortes, as pessoas tendem a se fechar em suas próprias bolhas, e existe um procura intensa de pessoas lotando os consultórios médicos de especialistas em vários contextos e cenário de todo o mundo. O mundo online pode ser atraente, mas também pode ser um camisa de força que asfixia as pessoas silenciosamente,

O advento das tecnologias digitais trouxe inúmeras possibilidades, mas também criou uma barreira entre as relações humanas. E essas doenças, vem sendo desenvolvidas numa proporção gigantesca, sendo necessário se pensar em ações e medidas preventivas e reparativas, pois os danos que essa geração digital enfrenta é bem preocupante.

O tempo navegando ou desperdiçado nas redes sociais, pode ser até algo inofensivo, mas pode ser uma arma destrutiva para muitos, que estão sob esse domínio de total escravidão digital em vários eixos da vida pessoal e profissional.

“Mas é no momento presente que são produzidas novas e novas mercadorias destinadas a um mercado de consumo comum. Mercadorias cada vez mais rapidamente descartadas, pois “nada parece durável”. Assim, constitui-se a sociedade do descartável, pois o produzido hoje será velho amanhã e a sociedade é também descartável, pois seus problemas só seriam “resolvidos” no futuro.” (RODRIGUES, 1998, p. 08)

Negligenciar os diferentes tipos de relacionamentos reais, por pessoas abstratas tem sido também algo preocupante no cenário do século XXI em que estamos inseridos.

A tal da Cultura digital da Indiferença em meio as diferentes gerações Millennials Centenials, Alpha tem sido preocupante e tem se alastrado numa velocidade quase que incontrolável, tornando para muitos um processo quase que irreversível.

Em uma sociedade egocêntrica e individualista, isso torna um grave problema. Em que se prega a valorização pelo sucesso individual, a empatia sucumbe muitos, tornando as pessoas cegas, bestilizadas.

O olhar para além de nós mesmos deve acontecer sempre, já e que estamos o tempo todo dentro de um processo de construção e de reconstrução de nós mesmo. No entanto, a indiferença se torna uma armadura, que serve de casca inoxidável, que nos

protege da dor e do desconforto, que nós sentimos impotentes e incapazes. E isso, precisa ser retrabalhado dentro de nós mesmos.

“Não é a mudança para atingir o futuro, mas para permanecer no passado. A moda é desses artifícios com o qual as coisas ficam as mesmas, embora aparentando uma transformação. A moda é a manivela do consumo, pela criação de novos objetos que se impõem ao indivíduo.” (SANTOS 2007, P. 48)

A frieza, a desumanização e a indiferença humana tem sido sentimentos ruins, que tem se espalhado numa dimensão também gigantescas e com efeitos também desastrosos.

E tudo isso, tem um custo humano desastroso, pois estraga e apodrece os relacionamentos humanos tornando os mesmos superficiais, vazios e sem sentido. Daí o isolamento emocional levam muitos a à solidão, ansiedade e depressão. Sem a conexão genuína com os outros, perdemos uma parte essencial de nossa humanidade. E isso, precisa de estudos científicos para que, sejam traçadas medidas preventivas na forma de políticas públicas da saúde pública e demais áreas.

Daí, então nasce a necessidade de se reconstruir as relações humanas que foram enfraquecidas pela família, pelos colegas, amigos e com a própria sociedade. Redescobrir a importância da proximidade física, do contato humano genuíno e da empatia precisa ser um exercício contínuo para que determinadas relações não se percam como a essência da humanidade, que tem dentro do DNA de cada um de nós.

“A alienação é a alteridade imposta ao homem existente concreto, quando ele é privado da consciência de sua decisão autônoma. Ele é reificado – como um cadáver ou como um escravo –, duas maneiras de ser coisa. A alienação é como o sono; ela é heteronímia. A existência total pode ser “alienada” ou se “alienar” diante do corpo-coisa. Na sociedade, o homem é “alienado” ou “se aliena”, além do aparelho, a alguém que dirige o aparelho ou que dele tirar vantagem. Para desalienar, é necessário compreender a estrutura do aparelho e a estrutura dos poderes intersubjetivos a que serve” Perroux (1970, p. 76)

Um esforço, que deve ser consciente e que deve partir da necessidade de se humanizar e não perder essa identidade. Para isso seria necessário para nos desconectarmos das telas e nos reconectarmos com as pessoas reais, para reconstruir laços que de algum modo foram quebrados.

O cuidado com as relações sociais, precisa acontecer em sua plenitude desde a nosso desenvolvimento no útero materno, e deve ser perpetuar por todo os demais ciclos da vida humana. Assim, um bom dia, uma boa tarde, um boa noite no seu prédio e na sua rua deve fazer parte desse novo ciclo.

Apresentar essa discussão sobre a frieza e a ideologia da sociedade atual frente à dominação, que todos estamos sujeitos é algo bem complexo e necessita de maiores e de melhores aprofundamentos.

Frente à exploração, frente à barbárie vivida dentro da vida em sociedade, é algo que precisa de políticas públicas para cada área específica para que no futuro, não tenhamos uma sociedade insensível, fantasmas humanos e alheia ao outro e a dor do outro.

“Numa sociedade tornada competitiva pelos valores que erigiu como dogmas, o consumo é verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os shopping centers e os supermercados, aliás, construídos à feição das catedrais. O poder do consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que sua exclusão atribui às pessoas a condição de alienados. Daí a sua força e o seu papel perversamente motor na sociedade atual.” (SANTOS, 1998, p. 34).

São questões e perguntas provocativas e instigantes, que podem servir como ponto de partida para novas discussões. Mas que, precisa de um olhar prioritário para mudar os cenários que temos hoje.

As problemáticas dentro das relações sociais sejam elas as interpessoais ou ultrapessoais são bem difíceis e podem gerar conflitos inevitáveis, que por sua vez podem se constituir num processo de desigualdade e degradação humana. Desse modo a frieza é um mecanismo da violência invisível e em alguns momentos escancarada, que nos afeta diretamente ou indiretamente.

E tal, problema está enraizado nas influências dos aparelhos ideológicos, que nos cercam e que ditam regras e normas gerando um processo nocivas, que por sua vez se transforma em consequências de um trabalho alienado, e de uma competitividade desumana que impulsiona a concorrência e o individualismo. Que por último, se constitui uma sociedade barbárie.

“A alienação caracteriza-se, portanto, pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela

conversão dos seres humanos em “coisas”, para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras: a “reificação” das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em “indivíduos isolados”, que perseguem seus próprios objetivos limitados, particularistas, “em servidão à necessidade egoísta”, fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade.” (MÉSZÁROS, p. 39, 2006)

A sociedade atual se classifica com diferentes nomenclaturas, tal com a sociedade dá dominação, dá exploração, e dá barbárie. O sistema das ideologias presentes nessa sociedade é também um dos principais instrumentos de violência dentro rotina de bilhões de pessoas, que a passos largos se constitui na degradação humana nas relações sociais.

“A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 1999, p. 119).

Os sintomas de uma sociedade adoecida se traduzem na violência, na barbárie e na frieza

E isso, vem se tornando cada vez mais comum em meio às relações sociais, que se engendram no modo de produção capitalista, que nos afasta e nos tornam cada vez mais desumanos e insensíveis.

O lucro a qualquer custo, como pilar fundamental desse sistema, tornam as pessoas reféns a essa camisa de força, que nos aprisiona e nos cegam em vários sentidos. Historicamente e culturalmente os homens vem trocando a humanidade e a sociabilidade, pela barbárie, pela exploração, pela dominação. E esse, cenário vem se repetindo num ciclo vicioso inevitável e irreversível.

“(…) numa sociedade alienada o processo de redução em si mesmo, já que é “inconscientemente” determinado por uma série de necessidades alienadas, está destinado a produzir maior alienação: a sujeição do homem a instrumentos cada vez mais poderosos de sua própria criação.” (MÉSZÁROS, p. 98, 2006)

Adorno um dos defensores da emancipação e da manutenção da humanização dos indivíduos, enfatiza que o principal instrumento, que seria capaz de salvar o ser humano da barbárie e da violência. É a educação e a reeducação de valores e princípios, que desde o ventre materno, precisam ser cultivados e exercitados em todas as circunstâncias da vida em sociedade. Somente a educação é o fio condutor que levará verdadeiramente à humanização do homem, e tal processo pode ser lento, árduo, doloroso, mas precisa

acontecer em sua totalidade. “Desbarbarizar é a questão mais urgente da educação” (ADORNO, 1999, p. 155).

O tipo e o modelo de educação, que ainda temos é reprodutora e certificadora vazia e isso por sua vez gera um contexto de tanta opressão, exclusão e segregação social. Atualmente o grande discurso é de que somente a educação pode salvar a sociedade, mas esse atual modelo de educação não é capaz de consolidar tais mudanças. O tal modelo beneficia e privilegia a classe dominante como sempre foi historicamente e culturalmente. Tornando as demais classes, as chamadas de camadas inferiores à mercê do descaso social e do abandono social.

Uma sociedade barbárie é marcada ao longo de sua existência com cicatrizes profundas e os seus resquícios, estão presentes em vários momentos da vida em sociedade. A violência no âmbito estrutural, geram uma desordem dentro das relações sociais tornando as mesmas improdutivas e afetam os aspectos humanos inerentes à constituição da identidade dos sujeitos.

Sob vários aspectos, a violência é um evento heurístico de excepcional significação. Revela o visível e o invisível, o objetivo e o subjetivo, no que se refere ao social, econômico, político e cultural, compreendendo o individual e o coletivo, a biografia e a história. Desdobra-se pervasivamente pelos poros da sociedade e do indivíduo. É um evento heurístico de excepcional significação, porque modifica as suas formas e técnica, razões e convicções de conformidade com as configurações e os movimentos da sociedade, em escala nacional e mundial. (IANNI, 2004, p. 169).

Todos esses fatores acabam afetando à dinâmica da saúde psíquica dos indivíduos, prejudicando e modificando os desejos, as necessidades, os sentimentos e as emoções. No entanto, a sociedade que temos é repleta de contradições, em que está imerso as relações sociais, que estão apodrecidas dentro de um sistema corrupto e alienador.

As ideias destorcidas e alienadas de líderes, cabeças políticas e religiosas como Hitler impulsionou negativamente de toda uma sociedade com estragos irreversíveis. Assim, só longas reflexões, discussões, interpretações, sobre o modelo de sociedade, que temos não resolvem os problemas sociais, culturais e econômicos.

Conflitos de ideias e de interesses é comum dentro de uma sociedade manipuladora e que é administrada, pela indústria cultural, política e econômica que se resume numa mídia também doentia e previamente arquitetada para alienar e convencer

as pessoas em seus comportamentos e decisões no dia a dia. Os elementos, que mantém e renovam a ordem de alienação e dominação do capital.

Desse modo, a emancipação dos indivíduos se torna impossível o que resta é um sistema de dominação, ou seja, uma sociedade barbárie. Numa sociedade com graves problemas desde Os diferentes tipos de racismo, a homofobia, os muitos preconceitos, e os muitos tabus, tem sido fortes barreiras dentro da sociedade do caos social.

Sim está ocorrendo um empobrecimento da inteligência e da capacidade de raciocinar, de pensar e agir. Desse modo, o mal funcionamento da sociedade se manifesta de várias forma, tais como barbárie e degradação humana, que vem ocorrendo em larga escala.

{...} a reconstrução da violência como uma categoria histórica produzida e reproduzida em suas múltiplas formas e inscrita nas relações sociais contemporâneas é essencial, possibilitando apresar as condições objetivas e subjetivas nas quais esse fenômeno se apresenta no contexto atual da sociedade de classes. (VIEIRA, 2015, p. 71).

Emancipar, confrontar e se libertar desses inúmeros instrumentos de dominação, de prisão é cada vez mais difícil em meio ao cenário tão complexo e difíceis, que culturalmente e historicamente foram bem consolidados.

A presença das muitas facetas da violência postula afeta a construção dos bons afetos e dos bons sentimentos, o que impulsiona aos desafetos e aos desamores. A frieza humana é para muitos um hábito de conviver pacificamente com própria violência, que acaba sendo para muitos uma capa de defesa ou de ataque. A ausência dos diferentes tipos de afeto se torna um ciclo repetitivo de uma compulsiva da violência levando ao processo de desumanização dos indivíduos (ZANOLLA, 2015).

Em meio a frieza humana gera-se um sofrimento alheio, que por sua vez gera um tipo de violência silenciosa que dói, machuca e ofende. E dentro, desse modo de produção capitalista, os indivíduos tornaram-se cada vez mais individuais, únicos, exclusivos dentro de seus mundinhos ideológicos.

Uma sociedade, que sempre traz a grande diferença entre o vencedor e o perdedor, o primeiro colocado sempre será mais valorizado, que o segundo colocado, ou seja, é a glorificação do campeão e perdedores.

[...] ela surge nesse contexto identificada a diferentes causas, que vão desde a desigualdade social e as suas diferentes manifestações até o “sangue ruim”, ou seja, a violência apresenta um conjunto de causas vinculadas a fatores econômicos, políticos, sociais, históricos, culturais, ético-morais, psicológicos, biológicos, jurídicos e à mídia. Conjunto de causas aparece entrelaçado como uma rede, são transversais aos discursos e apresentam uma historicidade. Entretanto, os determinantes macroestruturais são predominantes. O Estado é apresentado como o principal agente da violência que se origina na desigualdade social. Lolis (2004, p. 11)

Sentimentos e sensações que são cultivados o tempo todo necessário vencer a qualquer custo. Portanto, desde suas primeiras relações sociais o indivíduo é condicionado a aprender, viver e competir mediante os moldes da degradação humana.

A ambição de ser o campeão, de sempre ser o primeiro, acaba por construir uma barreira que afeta o psicológico e o emocional, que irá impedir esse indivíduo de se sensibilizar com todo esse mecanismo. Toda e qualquer tipo de atitude agressiva, torna-se barbárie dentro de uma sociedade repleta de caos e de desigualdades das mais diversas.

Naturalizada, a desigualdade não se apresenta aos olhos de nossa sociedade como um artifício. No entanto, trata-se de um artifício, de uma máquina, de um produto de cultura que resulta de um acordo social excludente, que não reconhece a cidadania para todos, onde a cidadania dos incluídos é distinta da dos excluídos e, em decorrência, também são distintos os direitos, as oportunidades e o horizonte. (HENRIQUES, 2003, p. 65).

Em nome do poder, do domínio e do interesse pessoal ou grupal que funciona como fios descascados, que levam ao choque social dentro do conjunto de valores humanistas, de uma ética. Comportamento, ações e atitudes saudáveis dentro de uma sociedade adoecida é quase utópico. Onde a violência é eminente defendida como argumento de defesa de muitos. Um sujeito saudável dentro de uma convivência de sociedade adoecida é um grave problema.

O fato é que violência fazer parte da vida em sociedade, mas isso não pode ser aceita como algo naturalmente, mas precisa de ações e de intervenções específicas. A banalização frente à violência cotidiana é um grave problema que precisa de ajustes.

Frieza, comportamento frio frente à uma sociedade barbárie, não se pode aceitar em uma sociedade como algo normal. O ideal de uma sociedade seria aquela, que se busca a igualdade de oportunidade para todos, mas lamentavelmente somos construídos e forjados dentro de um competitividade injusta e repleta de enormes danos.

O cenário supramencionado representa a continuidade da crise na segurança pública, que veio se agravando nos anos anteriores, conforme analisaremos neste Atlas da Violência 2017; e representa a contraface da incapacidade e do descompromisso do Estado brasileiro para planejar, propor e executar políticas penais e no campo da segurança pública minimamente racionais, efetivas e que garantam os direitos de cidadania e que, em última instância, reflitam a leniência e a condescendência da sociedade brasileira com a criminalidade violenta letal. (IPEA, 2017, p. 04).

Uma sociedade que troca valores como humildade, solidariedade e igualdade, por meritocracia, concorrência e hierarquia injustas e desumana. A desigualdade estampada na face da sociedade acaba por se tornando um discurso convincentes que influencia a violência em várias facetas. Amenizar todas essas contradições existentes é algo preocupante, e que afetam diretamente as classes exploradas, um ciclo vicioso, que se repete.

Tal reflexão acerca da realidade, é condição necessária para enfrentar seus desafios, que a cada dia se multiplicam. Uma sociedade em que a base é ainda desigual, mas com anseios utópicos, que de certo modo se busca uma certa de “igualdade e equidade social. Frente a tanta frieza frente à barbárie, vai se tornando cada vez mais tida como normal, onde vão sendo moldados moldes de um sistema alienador e alienante, onde são geradas cada vez mais novas formas de violência.

“A propriedade privada resulta, portanto, por análise, do conceito de trabalho exteriorizado, isto é, de homem exteriorizado, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem estranhado” (MARX, 2010, p. 87).

No jogo do sistema capitalista, o trabalhador, o ser humano torna-se uma mercadoria onde os diferentes tipos de violências são cometidos o tempo todo. No mundo do trabalho o ser humano produz mercadorias e a si mesmo, tornando-se mercadoria, onde existe um valor a ser pago pela força de seu trabalho.

É dentro desse sistema e na guerra mercadológica, em que os seres humanos são forjados e moldados. É nesse sistema que ocorre esse estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, cada vez mais exploração do trabalho, que por sua vez visa a frieza uns para com os outros.

Essa estrutura rigidamente hierarquizada dentro do modelo escravista era necessária para garantir uma economia baseada na exportação de produtos primários subordinada aos interesses do mercado mundial. Com isto ficou descartada a possibilidade de integração social e cultural daquelas grandes parcelas de força de trabalho liberadas que irão constituir a massa de marginalizados, saída das senzalas. (MOURA, 1988, p. 24-25).

A degradação humana começa no e para o trabalho, pois, os mesmos recebem como fruto de seu trabalho um sistema violento de condições e contradições. Um sistema ideológico fortemente convincente para que esse mesmo trabalhador, seja feliz e bem controlado em sua condição de exploração de dominação.

Para Mascarenhas (2015), o aspecto nuclear da violência é a desigualdade social, pois, a exploração de um homem sobre o outro é algo cada vez mais comum e historicamente culturalmente. Essa sempre foram à base da organização desse sistema social chamada de sociedade.

A violência expressa-se em múltiplas faces, envolvendo também as relações sociais e econômicas da sociedade, com isso é possível compreender a violência como um fenômeno macro, ou seja, não acontece somente em contextos internos como relações familiares ou de proximidade entre os indivíduos. A violência, em um contexto macro, também é conhecida como violência estrutural, fenômeno característico das sociedades capitalistas ‘marcadas pela dominação de classes e por profundas desigualdades na distribuição da riqueza social’. (GUERRA, 2008, p. 28).

A relação de exploração do ser humano pelo ser humano, num contínuo ciclo e sem limites, é a característica básica dessa sociedade capitalista, onde se cultiva os diferentes tipos de violência, e com o passar do tempo passam a ser naturalizadas. E dentro desses efeitos mais nefastos e desastrosos as situações em que os indivíduos são submetidos a esse modelo de sobrevivência, todos os dias dentro de um ciclo vicioso.

Dentro dessa lógica capitalista, explorar o outro é um processo inevitável, então, isso se torna ‘natural’ e muitas são as justificativas criadas para legitimar o princípio da exploração e da dominação. Mas, que, no entanto, todas elas são inaceitáveis quando se defende o sentimento de equidade social e de justiça para todos.

(...). Explorar o outro é fazer funcionar o sistema de produção, é, portanto, eficiência. Por isso, quando milhares de trabalhadores são demitidos e ao mesmo tempo se intensifica o processo de trabalho, exaurindo o ser que trabalha, tudo é apresentado como avanço e inovação (MASCARENHAS, 2015, p. 44).

Mediante ao princípio da exploração só resta o processo final da mais-valia. Sendo a mesma um elemento fundamental para a consolidação da relação explorador-explorado, ou seja, de uma violência consentida o tempo todo. É perpetuada todos os dias um aumento da jornada de trabalho, na forma violenta que está constituído. Assim, os donos dos meios de produção em nome do aumento da produtividade do trabalhador, está sempre sendo vítima desse sistema corrupto e alienador (MARX, 2013).

A presença do mais mais-valia é a exploração na sua cara mais escancarada, sendo uma forma mais degradante de explorar o outro. No entanto, dentro dessa sociedade capitalista não está ileso aos efeitos nocivos do modo de produção capitalista. Em se tratando da humanização do ser humano, ele também sofre com a desumanização. Para Mascarenhas (2015, p. 48): “O trabalhador não se reconhece no produto do seu próprio trabalho e o capitalista reconhece sempre como como realizador de exploração e de dominação”.

E em nome dessa produção excessiva e incontrolável dos bens, e das mercadorias o processo de exploração cresce de forma acelerada. Os proprietários dos meios de produção sempre ocupando o status de liderança dentro da pirâmide comercial e os trabalhadores, sempre ficando as margens da exploração.

Um processo de deformação e de desumanização e nem todo o seu poderio econômico e político o resgata dessa situação.

“Uma ideologia que naturaliza na desumanização que cresce em grande escala. “A violência subliminar é aqui compreendida como violência oculta, disfarçada, encoberta, dissimulada, escondida para não ser vista, dita e revelada, não ultrapassando o limiar, ficando submersa” (MASCARENHAS, 2015, p. 50).

Esse tipo específico de violência é cada vez mais comum e tido como normal. O braço “direito” do sistema corrupto é a ideologia e o braço esquerdo é a alienação. Esse processo ocorre de forma maléfica gerando uma certa naturalização da barbárie de sociedade, que por sua vez nos levam a exploração.

Uma sociedade cindida em divisão de classes, em que as relações sociais são sempre contraditórias e antagônicas. Regido pela ideologia dominante nos encontramos

dentro de um caos social. Regido ainda por um espírito da competitividade em que se estabelece relações entre si com base na competição e num jogo que é sempre desigual.

[...] a questão social expressa a subversão do humano própria da sociedade capitalista contemporânea, que se materializa na naturalização das desigualdades sociais e na submissão das necessidades humanas ao poder das coisas sociais – do capital dinheiro e de seu fetiche. Conduz à indiferença ante os destinos de enormes contingentes de homens e mulheres trabalhadores – resultados de uma pobreza produzida historicamente (e, não, naturalmente produzida) -, universalmente subjugados, abandonados e desprezados, porquanto sobranes para as necessidades médias do capital. (IAMAMOTO, 2008, p. 126).

Dessa forma se constitui uma sociedade degradadas, deformadas, negadas elementos destrutivos que são essenciais de composição desse modelo de sociedade desumana..Que se configura uma sociedade capitalista de forma alienada, que se perpetuam o tempo todo. Uma estrutura societal que é sinônimo de sofrimento, exploração, degradação humana. Em que esses princípios são propagados o tempo todo de forma violenta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou destacar a frieza do indivíduo frente a violência, frente à barbárie de uma sociedade cada vez mais desigual e opressora. Que estamos o tempo todo submetidos a ele

Toda essa estrutura societal tem com o intuito de sempre manter a hegemonia burguesa no topo da economia econômica. A dominação opera o tempo todo dominador roubando a sua liberdade e se implantando o sistema do autoritarismo. Um jogo em que as cartas da dominação e da liberdade se cruzam o tempo todo em destinos diferentes.

Conclui-se que a frieza, a indiferença, distanciamento é um mecanismo da violência com as suas diferentes facetas. Assim, os aparelhos ideológicos dessa sociedade é sempre um trabalho alienado, que inspira as bases da competição, da concorrência, do individualismo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GUERRA, Yolanda. A dimensão Investigativa no Exercício Profissional. In: CFESS/CRESS. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: ABPSS, 2008.
- HENRIQUES, R. Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza no Brasil. In: JOVCHELOVITCH, M. N; WERTHEIN, J. Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social. Brasília: UNESCO, 2003.
- HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. (Textos para discussão, n. 807).
- HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. (Textos para discussão, n. 807).
- IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. Atribuições Privativas do/a Assistente Social em Questão. Brasília: CFESS, 2012.
- IANNI, Octavio. Capitalismo, Violência e Terrorismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- IANNI, Octavio. O ciclo da Revolução Burguesa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984.
- IASI, M. O Estado e a violência. Artigo publicado em 16/10/2013. Blog da Boitempo: Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2013/10/16/o-estado-e-a-violencia>. Acesso em: 10 mai. 2024.
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da Violência 2017. Disponível em: http://www.poder360.com.br/wp-content/uploads/2017/06/atlas_violencia_2017_ipea.pdf. Acesso em: 15 de jun. 2024.
- LOLIS, D. A violência cotidiana em diferentes espaços institucionais da periferia da cidade de Londrina. In: Serviço Social em revista. Volume 7 – nº1. Jul/Dez 2004. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c-v7n1.htm>. Acesso em: 04 jul. 2009.
- MASCARENHAS, Angela Cristina Belém. Violência Subliminar e Ideologia na Sociedade Capitalista. In: SCAREL, Estelamaris Brant; ROSA, Sandra Valéria Limonta;
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I, O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, Tomo 1 e Tomo 2.

- MÉSZÁROS, I. A Teoria da Alienação em Marx. São Paulo. Editora Boitempo. 2006.
- MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- PADILHA, V. Shopping Center – a catedral das mercadorias. São Paulo. Editora Boitempo. 2006.
- PERROUX, F. Alienation et société industrielle. Paris, Gallimard. (Collection Idées). 1970.
- RESENDE, Anita C. Azevedo; MIRANDA, Marília Gouvea de. Igualdade, Equidade e Educação. In: MIRANDA, Marília Gouvea de (orgs.). *Educação e Desigualdades Sociais*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2016. p. 19-42.
- RODRIGUES, A. M. Produção e consumo do e no espaço. Problemática Ambiental Urbana. São Paulo. Ed. Hucitec. 1998.
- SILVA, Simeia Araújo. Educação, Sociedade, Subjetividade e Violência. Goiânia: América, 2015. p. 41-57.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VIEIRA, M. S. Rompendo o silêncio: o enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil no âmbito dos CREAS tocantinenses. Porto Alegre: PPGSS, PUCRS, 2015.
- ZANOLLA, Silvia Rosa da Silva. Educação, Sociedade, Subjetividade e Violência. In: SCARREL, Estelamaris Brant; ROSA, Sandra Valéria Limonta; SILVA, Simeia Araújo. *Educação, Sociedade, Subjetividade e Violência*. Goiânia: América, 2015. p. 19-40.